

Por Cláudio Magnavita*

claudio.magnavita@gmail.com

MAGNAVITA

@colunamagnavita

A ex-presidente da Caixa e porta-voz da equipe econômica do candidato Flávio Bolsonaro, Daniella Marques, deu entrevista exclusiva ao jornalista Cláudio Magnavita, publisher do **Correio da Manhã**. A seguir, você pode conferir a segunda parte do encontro:

Cláudio Magnavita: Um banqueiro com quem a gente tem um relacionamento, aliás, banqueiro que foi grande do seu financeiro, ele esmaga na vida. A pior coisa pra nossa instituição são as agências bancárias. Se a gente fechasse todas as agências bancárias, nós estaríamos com um dos melhores balanços do mundo. Você acha que é certo que o governo continue financiando o sistema financeiro com essa remuneração que tá, cobrindo os déficits e transformando os bancos em privados, no grande financiador dessas loucuras, os desregulamentos da área pública? Como é que você vê essa relação? Você que presidiu o maior banco, a Caixa.

Daniella Marques: Eu acho que o digital, primeiro, ele tem um ganho de produtividade grande pra todo mundo. Então se a dona de casa pode acordar e achar a vaga de creche aqui, e ela tem um bônus de internet, por isso a gente enxerga na internet a infraestrutura do futuro. Porque se o governo usa o dinheiro de um fundo público que já existe para promover a inclusão digital, e ao invés dela pegar dois anos para chegar numa agência do CRAS ou numa prefeitura para buscar uma vaga de creche, né, ou uma fonoaudióloga, uma mãe atípica, se ela consegue achar isso na palma da mão, isso é eficiência para o governo e eficiência para ela. E aí você tem a realidade do que são as cidades metropolitanas e o que é o Brasil. O Brasil é um país continental, né? E eu viajei o Brasil inteiro como presidente da Caixa, quando você vai para Novo Airão, você tem uma agência da Caixa lá porque é um negócio muito importante para aqueles moradores de lá e é o que faz circular aquela economia de lá. Então você tem uma diferença aí nessa eficiência. Você tem uma diferença entre o que são



"A sua origem não determina o seu destino", afirma a ex-presidente da Caixa

as regiões metropolitanas, né, onde uma mulher da favela aqui em São Paulo, ela tem um grau de instrução já e vulnerabilidade, e ela já está muito mais digitalizada do que uma mulher lá em Marajó, né? Então o governo tem que reconhecer essas realidades. Um banco privado vai fazer o que é eficiente para ele.

CM: E para os seus acionistas.

DM: E para os seus acionistas. Só que hoje, quando você é rentista, se está emprestando a juro de 14%, a juro de 7% e tal, a máquina está girando. Só que agora a criticidade da situação foi tão grande, de inadimplência, que o balanço dos bancos vai colapsar também. Então você vê que essa rodada de resultados, a inadimplência de cartão do Banco do Brasil dobrou em três meses. Então

o Santander já fez um prognóstico ruim, o Bradesco teve que fazer uma mega capitalização. Então a roda ali gira até um nível em que ainda as famílias e as empresas começam a pagar. Quando você tem R\$ 200 bilhões de dívida arrebatando, vai colapsar o balanço dos bancos também. Então, eu falo que a água subiu e bateu porque, enquanto tá administrável, é 60 de dívida PIB, é 68, o juro é 10% a 14%. Agora, a hora que desancora, você perde a âncora e fica aí no mar revolto, é esse momento. Esse momento que a gente tá agora, e pra finalizar, assim, antes você colocava o sistema financeiro contra a população, o empresário contra o empreendedor. Agora, quando o empresário tá quebrado junto, assim, e tá arrebatando todo mundo no balanço dos bancos, gerando desemprego, manda 3 mil

pessoas embora, aí você vem na Justiça e manda dar uma canetada pra Casas Bahia recontratar? Você acaba de afugentar. Por isso que a gente tá exportando as empresas pro Paraguai. Os caras falam: está insano esse país. Então, eu acho que agora perdeu a mão geral, assim.

CM: Agora, Dani, tem um aspecto que você colocou. As pessoas estão colocando muito em passar, e essa paternidade ao Bolsonaro não é dada, que é a questão do Pix. Eu cheguei agora aqui, quando eu soltei do táxi, o rapaz disse: O senhor quer pagar? Pode pagar com Pix. Quer dizer, aquilo entra na nossa naturalidade e foi uma conquista da sua equipe. O Pix é uma realização da gestão Paulo Guedes. Você acha que o brasileiro entende, compreende a im-

portância que foi você fazer inclusão bancária através de uma ferramenta de milhões de brasileiros que passaram a poder utilizar uma ferramenta?

DM: Isso foi uma agenda de inovação do Banco Central, apoiada pelo presidente Bolsonaro. O Roberto Campos ganhou quatro vezes o melhor presidente de Banco Central do mundo. Eu estava no evento do Palácio, até outro dia postei, né, antes que esqueçam, uma live que eu fiz com o presidente Bolsonaro e a gente falando: o pessoal dos bancos não tá triste, porque tirou R\$ 10 bilhões de tarifa dos bancos. Democratizando, só que agora no governo do Flávio, a gente quer ir pro próximo passo. O que é o próximo passo? Então o Pix virou uma conquista nacional. O cara vende morango no sinal, você paga com Pix, a manicure com Pix. Você vai num turismo lá, eu fui em Manaus, numa barraquinha indígena. A indígena te vende um arco e flecha com Pix. Então isso democratizou. Como é que você continua esse caminho? Justamente, a gente está colocando um programa Minha Primeira Empresa, que é o quê? Registro automático, só paga o imposto daqui a 12 meses, a Caixa vai te dar a maquininha pra você passar o cartão, vai te dar uma conta de PJ. Então hoje, essa conquista que foi feita e ainda está no informal, a gente trazer isso pro mesmo estágio do cara abrir o negócio dele, dar dignidade ao empreendedor, e não ter que ter tarifa de Pix no PJ, a Caixa tem que dar a maquininha. Então, quando a gente fala que a Caixa vai ser o banco da prosperidade, é ela ser o motor desse cara e a gente continuar esse passo e ir além do Pix, de dar um sisteminha pra ele emitir a nota fiscal dele, dar a maquininha pra ele passar, ajuda a formalizar. Então é esse tipo